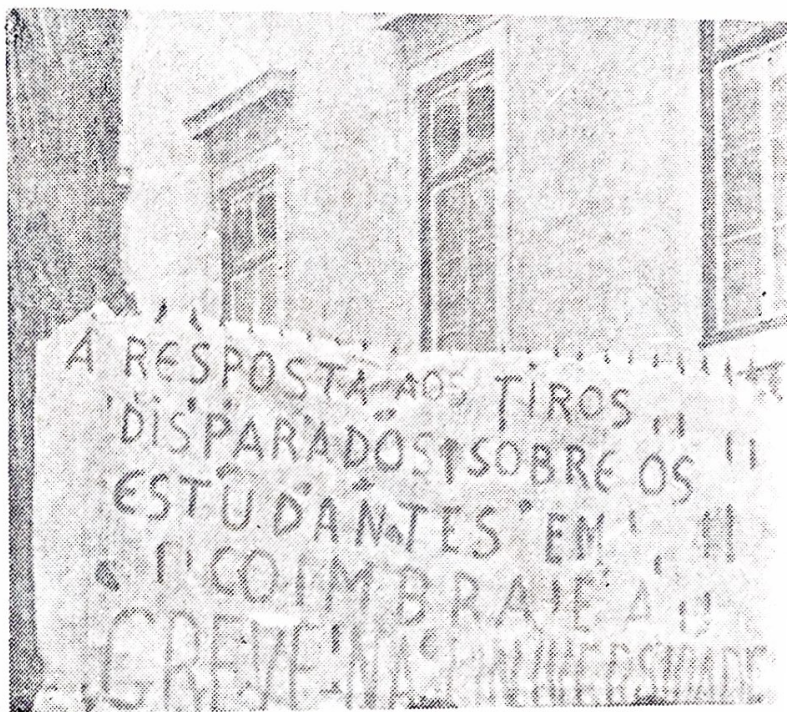
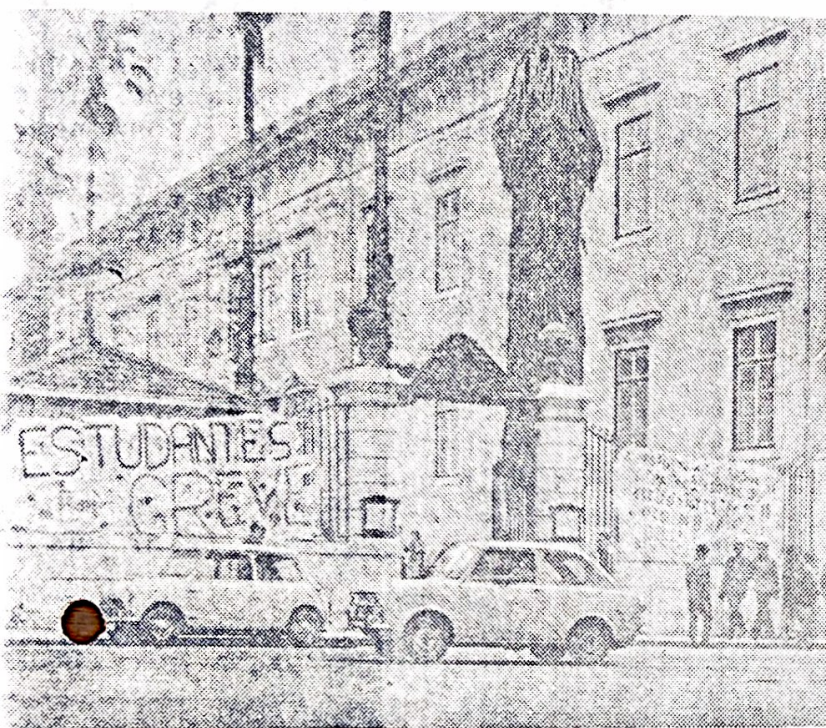


# INFORMAÇÃO AO PAÍS



## 1. OS FACTOS

No Barreiro, na manifestação do 19 de Maio são presos vários operários. Nos dias seguintes ocorrem novas manifestações violentamente reprimidas tendo, a partir daí, a vila sido ocupada pela GNR e fortes contingentes de polícia de choque.

Na C.P. os trabalhadores fizeram meia-hora de greve de solidariedade com os operários presos no Barreiro. Na Carris, no passado dia 15, os trabalhadores recusaram-se a fazer horas extraordinárias. A polícia interveio.

Em Abril, foi preso e agredido pela Pide/DGS, dentro do Instituto Comercial de Lisboa, um nosso colega sob acusação de estar a distribuir, dentro da Escola, propaganda política; a resposta dos estudantes foi a greve às aulas, e como as autoridades do Instituto tivessem reagido entregando a "manutenção da ordem interna" à PSP, os estudantes manifestaram-se na Baixa no dia 8 de Maio, sendo dispersos à bastonada.

Entretanto, encontram-se até à data presos por motivos políticos cerca de 30 estudantes.

Os alunos de Económicas, desde o início deste ano lectivo, vêm-se recusando a aceitar como professores os aliados das grandes companhias, dos Bancos e do Governo. Recusam-se a aceitar um ensino que tem como único fim prepará-los para serem os futuros "Senhores Doutores" ao serviço dos exploradores.

Os estudantes ocuparam a Escola.

A polícia enviada pelo Governo com o silêncio significativo das autoridades académicas, expulsou-os do edifício.

Em Coimbra no dia 9 de Maio o Reitor desta Universidade autorizou, uma organização declaradamente fascista (O.T.E.C.) utilizar-se das instalações Académicas, dos estudantes, para aí efectuar um espectáculo, e para o qual esta convidou "altas individualidades" (Franco Nogueira, Governador Civil, D. Duarte Nuno, etc.)

Os estudantes manifestaram-se revoltados contra a proibição de entrada na sala, e foram brutalmente atacados pela polícia que os dispersou a cacetete, gases lacrimogêneos e a tiro, ferindo gravemente um colega nosso.

Sob pressão dos estudantes o Reitor ordenou a interrupção do espectáculo. Recusando acatar a ordem recebida os "espectadores" transformaram esta sessão num comício nazi que terminou com a entoação colectiva do Hino Nacional acompanhada da saudação hitleriana.

Em Lisboa como forma de protesto contra estes acontecimentos os estudantes, em Assembleia Geral, decretaram um dia de greve às aulas em todas as Faculdades e realizaram uma manifestação na cidade que foi mais uma vez dispersa à cacetada.

O Governo, procurando minimizar a reacção pronta e firme dos estudan-

tes, evitando a todo o custo que fossem discutidas as finalidades da política seguida, encerrou a Universidade.



175

## 2. DE TUDO ISTO, QUE FOI NOTICIADO ?

T O R R E  
T O M B O

Segundo o Ministro da Educação Nacional, a Universidade foi encerrada para que os alunos tivessem tempo suficiente para estudar para os exames que se aproximavam.

Isto não passa de uma descarada mentira pois que muitos cursos ficaram incompletos, tendo mesmo alguns deles ficado praticamente no princípio (há cursos que começam só em Março).

Segundo a polícia, os acontecimentos de Coimbra não passaram de "uns tiros al-  
-os" para "intimidar" um grupo "que se julga serem estudantes" (do comunicado da P.  
S.P.) que perturbavam a entrada do espectáculo; dos verdadeiros factos ocorridos e  
das razões dos estudantes, faz-se silêncio ou "esquece-se" com que objectivos? - Dar  
a população a visão que convém ao Governo, a informação que por nada informar escon-  
de medrosamente o que se passa.

Dos acontecimentos relativos às lutas dos trabalhadores, verifica-se então um  
silêncio absoluto, não se vá estragar a bela imagem da "harmonia social", em que ex-  
plorados e exploradores, trabalhadores e patrões, caminham lado a lado resolvendo os  
seus problemas dentro do "espírito de compreensão mútua" e "sensatez", não se vá es-  
tragar a bonita imagem de um Governo "da vontade de todo o povo", ao noticiar que es-  
se Governo manda disparar sobre esse povo.

## 3. COMO VÊM OS ESTUDANTES TUDO ISTO?

Iniciou o Governo de Marcelo Caetano uma política de reforma da Universidade, para a adaptar às novas necessidades da economia dos senhores das terras e funda-  
mentalmente das indústrias. Necessitando da íntima colaboração dos estudantes nes-  
ta reforma, pretendeu o Ministro da Educação Nacional deste Governo atrair estes com  
tentadora ofertas de melhorias na situação da Universidade. Os estudantes porém não  
estavam interessados em reformas que não alteravam o mal essencial da Universidade:  
que é o de servir somente os interesses dos senhores das fábricas e dos campos, e  
não os da população, ao aperfeiçoar a obtenção de lucros pelos patrões a partir duma  
exploração mais "bem estudada".

O Governo tentou convencer os estudantes do interesse da reforma e de pôr em  
prática a "despolitização, a reforma e a pacificação da Universidade" (palavras do Rei-  
tor de Coimbra); mas, a despolitização que trouxe foi permitir a acção política dos  
fascistas (OTEC), a reforma que fez foi pôr a polícia na Universidade e a pacificação  
consistiu nos tiros disparados a matar sobre os estudantes.

O Governo mostrou aos estudantes que não conseguindo "convencê-los" a boas, fá-  
-lo a tiros, desmascarando assim o sentido real da sua política.

Fora da Universidade o que decorre mostra algo de semelhante, com a agravante  
de se passar entre os próprios patrões e trabalhadores; também aqui as reformas ten-  
tadas pelo Governo não correspondem aos interesses dos trabalhadores, que persistin-  
do na luta pelas suas reivindicações, encontram pela frente a GNR, a polícia de cho-  
que, as prisões da PIDE e os tiros.

Comissões Estudantis de Informação